

* *

Ao longo do presente trabalho, subsistiu a preocupação de oferecer uma análise sobre a doutrina da forma da celebração do matrimónio conforme aparece tratada na reflexão canónica actual.

Assim em primeiro lugar e em jeito de estado da questão, apresentámos as várias posições dos que defendem uma necessária reestruturação normativa da forma.

Tentámos seguidamente analisar o problema no *Schema de Sacramentis*, uma vez que tal documento, já elaborado, faz parte dum projecto de revisão do Código de Direito Canónico. Consagrado aí o princípio da *necessidade da forma para a validade*, preocupámo-nos em investigar as razões subjacentes à opção dos peritos da Comissão para a revisão do Código (admitindo, no múnus de testemunha qualificada, o diácono e o leigo delegados...) e a sua preferência em regulamentar uma *forma ordinária* com maior elasticidade, dotada de um campo de aplicação mais largo.

Resta notar que os defensores de uma reestruturação substancial da forma da celebração do matrimónio fundamentam grande parte dos seus argumentos em razões de carácter histórico-jurídico.

Tal aspecto, sendo demasiado vasto e complexo, não poderia ser abordado nos limites do presente artigo.

Trataremos dele em trabalho posterior.

M. DE PINHO FERREIRA

Professor do ICHT

Luta pelo advento dum mundo de Pessoas em E. Mounier

INTRODUÇÃO

Hoje em dia e também neste país, muitos se reclamam ou auto-proclamam de «personalistas». Alguns mais informados dizem-se seguidores de E. Mounier. Mas, ao olhar para o seu viver, fica-se perplexo, sem se saber bem o que pretendem significar com essa confissão. É que segui-lo implicaria pensamento rigoroso e crítico do acontecer e empenhamento coerente pelo advento dum mundo de Pessoas livres e responsáveis.

Mounier faleceu em 1950, contando apenas 45 anos de idade. Mas deixava uma Família Espiritual bem caracterizada, que não pára de crescer.

Desde a fundação de l'ESPRIT, em 1932, desencadeou um fenómeno de reflexos e empenhamento de grandes dimensões.

Não pretendendo construir um sistema filosófico original, exerceu uma reflexão vigorosa numa perspectiva ampla, incluindo todos os elementos compatíveis com a perspectiva cristã. Mas a sua preocupação era a práxis, a militância social e política, em vista da libertação da Pessoa: libertação cultural, religiosa e económica. Recusa tudo o que desfigure o ser humano, o materialismo capitalista e marxista, o burguesismo e o falso espiritualismo. Luta pela reformulação do sistema educativo tendo consciência que as grandes questões passam pela cabeça e pelo coração.

Insiste numa ontologia da Pessoa aberta, *ser disponível*, ser de comunhão com capacidade de risco e de empenhamento a longo prazo.

Foi aluno de Bergson e de Chevalier, ligou-se a Maritain e a Berdiaeff. Mas creio que foi Peguy quem mais o marcou. E foi ele que o apoiou e estimulou para que fundasse a revista «Esprit».

¹ Aqui utilizamos e referimos «*Oeuvres de Mounier*», ed. Seuil, Paris, quatro volumes — I, II, III, 1961-1963. O IV volume é póstumo.

E decidiu-se a enfrentar a crise espiritual e até de identidade em que a Europa se debatia.

E insiste na dupla dimensão de Pessoa e Comunidade a construir simultaneamente, por meio dum novo tipo de educação para a liberdade responsável e empenhada. Donde surgiu a conhecida fórmula de «personalismo comunitário» que a social democracia aceita como processo e modelo.

Esta linha de combate pela liberdade valeu-lhe a prisão.

Foi sementeira que frutificou e que em Vaticano II se fez abundante colheita: «A Pessoa é a medida de todas as coisas». De facto regressou o tempo do pensamento sério, como escreveu J. M. Domenach.¹ Por isto lutou, pelo pensamento e acção, Mounier.

Hoje apresentamos umas breves notas sobre a sua maneira de encarar o Mundo — com simpatia crítica.

Em 1933, num artigo vibrante, lançando os alicerces duma renovação personalista que entusiasmava os jovens leitores da *ESPRIT*², Mounier falava do cristão como dum «homem que vive nos bastidores do mundo e de si mesmo»³, iniciava um processo e uma pesquisa que nunca mais abandonou.

Falou-se e tem-se escrito muito acerca do personalismo de Mounier. Contudo ele não era, no seu espírito, senão um meio⁴, um instrumento de combate, de destruição e de edificação; mas um simples meio destinado a desaparecer⁵ quando tivesse servido para resolver o único verdadeiro problema: o das relações do homem e do mundo, e, mais particularmente, do cristão no mundo. Porque esse é o grande, o único verdadeiro problema, afirma-o Mounier com energia nesse mesmo artigo. Afirmá-lo-á toda a sua vida:

«A questão põe-se muito simplesmente: Saber se nós (cristãos) queremos morrer com o que morre, ou desprender os

¹ Jean-Marie Domenach «LE SAUVAGE et L'ORDINATEUR» — Seruil 1976, pág. 172.

² I/373.

³ I/38.

⁴ III/179, 525 e cf. I/639 «O Personalismo não traz «soluções». Dá um método de pensar e de viver... etc...».

⁵ III/179 «A melhor sorte que pode ter o Personalismo é que, tendo despertado em bastantes homens o sentido total do homem, desapareça sem deixar rastro, de tanto se confundir com a marcha quotidiana dos dias».

nossos valores eternos do mundo que se afunda e retomá-los na sua fonte para fecundar o mundo que vem⁶».

O cristão desempenhará um papel no mundo actual? Deixará nele achincalhar a sua fé pelas potências que o utilizam para os seus fins, ou reagirá? E se escolher reagir, como o fará? E quais são, antes do mais, os termos do debate?

São as perguntas que Mounier continuamente formulou. É agora a nossa vez de lhas fazermos a ele. Não temos a impressão de trair a sua intenção buscando aqui e ali informações acerca da sua concepção do mundo, do cristianismo e das relações do cristão e do mundo, como tentaremos fazer.

O MUNDO

Ainda que Mounier fale constantemente do mundo, do tipo de relações do cristão, ou do homem e do mundo, não se deverá concluir que há, na sua obra, um estudo científico e teológico, no sentido tradicional da expressão, sobre esta noção de «mundo». Nada de semelhante, por exemplo, com a elaboração do Concílio Vaticano II, no referente às relações da Igreja e do Mundo. A linguagem de Mounier não tem essa precisão nem esse tecnicismo duma Constituição conciliar. É mais «corrente», mais descritivo e mais preocupado em se inserir na realidade do que em ser definitivo. Mounier encara o mundo como realidade concreta, portanto complexa e múltipla, e de maneira nenhuma como uma entidade abstracta, de que se tente apreender com rigor os elementos intemporais. Por isso não proporemos aqui nem a busca, nem a elaboração duma eventual definição do mundo em Mounier. Nem pretendemos reunir aqui tudo o o que, no seu espírito ou nos seus escritos, contém essa noção. Acabaríamos por fazer um catálogo longo e muito material, sem grande interesse. É que o mundo para ele, é o conjunto das realidades concretas da terra dos homens, referido nas expressões: o mundo de ontem oposto ao mundo de hoje, o mundo tal como é, o mundo em que vivemos, etc. Como noutros aspectos, encontramos a recusa de Mounier de construir um todo organizado, um sistema, uma doutrina acabada. Se o tivesse feito, teria dado definições e tê-las-ia

⁶ I/374.

elaborado claras e precisas. E poderíamos agora discutir a sua permanência e o seu rigor. Não é esse o seu fim. Ele, que fala constantemente do mundo, dos homens no mundo, do lugar do cristão no mundo, evita arriscar-se a dar uma definição desse «mundo». Tem, em compensação, a preocupação constante de o descrever, porque o seu fim é dar e fundamentar uma opinião. Devendo esta, como sabemos, comandar uma acção, uma decisão ou outra actuação concreta.

No começo de cada uma dessas longas reflexões que dão à ESPRIT o seu vigor e ao mesmo tempo uma orientação, Mounier faz sempre um estudo crítico do seu tempo, do mundo em que vive e no qual deseja ocupar o seu lugar não como espectador mas como actor consciente.

É impossível, e talvez desonesto, extrair dos escritos de Mounier uma «dogmática» que ele nunca quiz. O seu pensamento nunca pretendeu ser definitivo. Gostava de repetir que esperava dos acontecimentos um acréscimo de maturidade e de luz, tanto para a explicitação como para a penetração dos princípios directores da sua vida. Quiz que o seu pensamento fosse comprometido, no sentido em que está vitalmente ligado ao concreto, ao imediato e a esta luta de que não basta perceber a urgência, mas que é preciso começar e depois prosseguir com constância.

Mounier refere-se muito ao «mundo». Quando tentamos reagrupar por parágrafos, as diversas modalidades abrangidas por essa palavra bastante vaga, concluímos que não existe uma definição única em Mounier. O mundo não se diz. Vive-se. Pertence a essas realidades, a propósito das quais os fenómenos modernos mostraram que elas se definem menos do que se circunscrevem e se descrevem. Por isso encontramos em Mounier uma larga diversidade de conteúdos para a mesma noção. Todavia, visto que a sua principal preocupação é de confrontar o cristão e o mundo, será legítimo perguntar, o que contém essa noção de «mundo».

Uma faceta da personalidade de Mounier é «anti-moderno». Submete o mundo moderno a uma crítica feroz; por vezes condena-o. E, no entanto, a leitura da sua obra dá-nos a consciência de que ele é «amigo do mundo». Como o homem do diálogo e da confrontação, faz profissão de realismo. Sabe do que fala e quanto o mundo é complexo. Sabe que o mundo não é mundo senão em relação aos homens, com o que eles nele poem de confusão e de grandeza, de desumano e de sobre-humano, de animal e de divino em todas as suas dimensões. Creio que podemos reduzir a três essas realidades múltiplas que

abranchem a noção de mundo em Mounier: o mundo físico e material, o mundo social das pessoas e o mundo interior do espírito. O terceiro é mais *um* mundo do que o mundo. E nunca é designado por «o mundo», sem precisões concretas. Assinalada a sua existência não nos demoraremos no assunto.

«O homem é *um* animal enraizado. Vejo-o situado, *alma*, entre a matéria; *pessoa*, entre os outros homens; *espírito*, num universo de realidades espirituais⁷».

Estas três «sociedades» são fundamentais para o homem. Nelas está inserido, situado e enraizado. Tira delas tudo o que é. Nelas encontra a sua dimensão. Em certo sentido também é o seu senhor e responsável. Pode perverter a sua mensagem e deturpar o seu verdadeiro significado. Pode situar-se quanto ao universo, interpessoal ou espiritual, numa relação desviada e falsa. Suscita então uma dessas heresias que negam uma ou outra dimensão do homem, optam com veemência num sentido parcial da sua vocação, e finalmente arrastam-no para um caminho desumano, porque não é completamente humano. Serão: o materialismo, que nega as dimensões espirituais e os espiritualismos, que se esquecem de que o espírito humano é encarnado.

É contra estes desvios, contra estas heresias, isto é, contra estas escolhas ilegítimas, que Mounier se revolta energeticamente. A seu ver, o mundo moderno deve ser, em larga escala, condenado. Orientou-se, mas orientou-se mal. Crê que há nisso mais do que um escândalo, haveria uma perversão que se torna preciso denunciar, antes que seja tarde demais. Mounier dedica-se a esta tarefa desde o começo, desde o «Manifeste de Font-Romeu» (1932), que servirá de manifesto orientador do movimento «ESPRIT, sobre esta «ordem cristã» que não seria mais do que uma desordem estabelecida. É a fase da juventude e também da sua reacção. Mais tarde, no após-guerra, renova a sua crítica acerba.

Assim Mounier em face do mundo moderno é, antes de mais, crítico. Denuncia para os seus contemporâneos, que lhe parecem cegos ou adormecidos, o mundo moderno levantado opressivamente contra a Pessoa. Para não simplificar de maneira abusiva o que em

⁷ Bulletin des Amis de E. Mounier (B. A. M.) 13-14/20.

Mounier evoluiu e não foi simples, é necessário separar dois períodos: o antes e após-guerra.

Mounier anti-moderno — 1936 — o manifesto.

A primeira atitude oficial de Mounier em relação ao mundo foi a que adoptou perante os seus amigos, em Font-Romeu, em 1932. A ESPRIT ainda não existe; nascerá desse encontro. Numa exposição que conquista a unidade, enuncia as suas convicções no que diz respeito ao mundo, e declara sem rodeios:

«Primeiro gritai que o mundo é vil»⁸, e mais adiante: «Todo o mundo moderno vive sob o signo da mentira e da simonia»⁹.

A que são devidas estas declarações tão violentas? Explicam-se pelo contexto, que não lhes atenua a virulência: o mundo moderno está construído contra a Pessoa.

Os males de que está atingido e que o pervertem são: o capitalismo, a civilização burguesa, os fascismos e a doutrina marxista.

1.º Já se demonstrou e com seriedade, que Mounier é fundamentalmente anti-capitalista¹⁰. Um artigo da ESPRIT (Junho de 1934) tem este título significativo: «Anti-capitalismo»¹¹. Advoga uma crítica radical do sistema capitalista, tanto no plano moral como no domínio técnico. O seu crime básico é o de ter inaugurado o reino do Dinheiro, com a sua ambição, as suas violências e as suas baixeiras, tendo imposto uma civilização de mediocridade, em que houve deterioração da vida espiritual.

2.º E o capitalismo gerou a civilização burguesa. O seu ideal é o conforto, e o dinheiro serve-lhe de virtude. É o reino fechado do individualismo. Este mal impregna todo o mundo ocidental. Agarrou-se «às bases duma cristandade, para cujo desmantelamento contribui»¹². Esta civilização suscitou um tipo de homem: o burguês,

⁸ B. A. M. 13/7.

⁹ B. A. M. 13/9.

¹⁰ G. Ngango, *La pensée économique d'E. Mounier*, in «Frères du Monde» n. 34 (II, 1965).

¹¹ I/270 sq.

¹² I/491.

que para Mounier representa «o homem que perdeu o sentido do ser», «que se move entre coisas, e coisas que pode utilizar e destituídas do seu mistério»¹³. O burguês perdeu o sentido do Amor. Ignora a sua grandeza, os seus riscos e os seus entusiasmos. Despreza simultaneamente o seu aspecto carnal e espiritual. O que pretende é a «tranquilidade psicológica e social: felicidade, saúde, bom senso, equilíbrio, vida fácil, conforto. O conforto é para o mundo burguês o que o heroísmo era para a Renascença e a santidade para a Cristandade medieval: o valor mais importante» (ibid.). A acção corrosiva desta civilização atingiu tudo, e «não se sabe se devemos considerar mais afitiva a duplicidade de alguns que fazem tudo para espalhar a confusão, ou a preguiça do maior número que a tolera e a acolhe, ao ponto de a esquecer»¹⁴.

Foi ela que suscitou um humanismo «essencialmente baseado no divórcio do espírito e da matéria, do pensamento e da acção»¹⁵.

À consequência disto chama Mounier uma «decadência afectada»¹⁶. O burguês finge ser pessoa culta. Reivindica para si o «espiritual», mas desencarnado. Diz-se homem de pensamento, mas ama as ideias «como um refúgio, um Olimpo sem riscos»¹⁷. Finalmente o seu mundo é liso, lacado, desumano. Os burgueses e a sua civilização traíram o mundo, tanto o mundo físico, como o das pessoas, como o mundo espiritual. Fizeram dele um mundo descarnado, desencarnado, esterilizado. Perdendo o sentido do real, exageraram o sentido do concreto. Perdendo o sentido do belo, quiseram o contável, o palpável. No lugar das coisas, instalaram aquilo que Mounier chama «o usurpador»: o Dinheiro¹⁸. Este usurpador também é um glutão. Devora tudo, os corpos e as almas, o amor e a luta, a arte e o trabalho: «o dinheiro devorou toda a matéria».

Finalmente, esta ferrugem de toda a vida humana que tende a substituir a alma, o espírito e o coração dos que, no conforto, nem dão por isso, «consegue o que não tinha realizado nem o poder nem a aventura: instalar no coração do homem o velho sonho divino do

¹³ I/493.

¹⁴ B. A. M. 13/9.

¹⁵ I/494.

¹⁶ I/496.

¹⁷ I/495.

¹⁸ I/156.

animal, a posse selvagem, irresistível e impune duma matéria escrava e indefinidamente extensível sob o desejo».

Mounier condena-os sem apelo. Associa-se aos pobres, aos homens que levam uma vida dura e «vomitam essa pessoa culta»¹⁹. Compreende os fascistas, no que há de positivo na sua reacção, de saúde e de ideal, a este mundo grotesco e indolente. Compreende também os que «se unem a uma bandeira materialista»²⁰ por excesso de desgosto.

Contra todos esses pede: um reconhecimento ingénuo do esplendor do mundo; uma renovação de juventude e de simplicidade; uma necessidade de reintegrar o universo numa vida, há demasiado tempo sem valor, um desdém colérico para com o vazio mentiroso das palavras e a «boniteza» em que acabam de se prostituir os últimos vestígios do espírito; uma necessidade de empenhamento, de solidez, de fecundidade, que sobe das entranhas da vocação humana; um irresistível instinto de presença²¹.

3.º Se teve a princípio uma reacção simpática, no contexto do racionalismo burguês, aos ideais fascistas, estes mereceram, no entanto, uma crítica acerba da parte de Mounier. O mundo fascista só é justo nas suas reivindicações. Porque o que ele exalta é uma nova traição da Pessoa. Não se lhe pode conceder, quando o julgamos em nome de um humanismo autêntico, cristão ou simplesmente humano, nem o primado do poder, nem essa embriaguês permanente em que se torna para ele o espiritual, nem o seu estatismo jurídico que esmaga as pessoas na mística do chefe, ou da raça, nem o seu panteísmo religioso em que o Estado é «mais que uma Igreja, visto que não reconhece as pessoas e os grupos intermediários senão na sua própria substância»²².

Assim Mounier condena o mundo moderno tanto na sua forma fascista, como na sua realização capitalista e burguesa. Também aí a Pessoa vê negadas a sua liberdade, independência e iniciativa. Fica desapossada; «era-o na desordem, é-o agora por uma ordem imposta»²³.

¹⁹ I/157 Haveria um capítulo a escrever sobre o Dinheiro, na espiritualidade de Mounier. Para ele é o Mamom do Evangelho.

²⁰ I/496.

²¹ I/496.

²² I/505.

²³ I/507.

4.º O marxismo também é uma reacção contra a civilização capitalista e burguesa, mas não foi mais bem sucedido na sua revolução. Sensível a apelos verdadeiros, a reivindicações legítimas dos homens esmagados e votados a uma miséria insolúvel, não faz afinal a Revolução pela Pessoa humana total, mas a Revolução pela Revolução. Mounier condena e condenará sempre esta maneira pagã e materialista de corresponder à missão divina confiada aos homens de «dominar o mundo». Qualquer que seja a legitimidade das motivações da reivindicação marxista, não se deve esquecer a sua «negação fundamental do espiritual como realidade autónoma, primeira e criadora»²⁴.

Se teve o mérito de tomar o homem no «seu centro de miséria», de compreender a importância histórica do movimento proletário, «sob pretexto de resolver a oposição entre o espírito e a matéria, apenas lhe inverte os termos»²⁵. Não consegue salvaguardar a realidade espiritual do homem. Mounier resume assim a sua crítica ao marxismo:

«O domínio das forças da natureza não é para o homem nem meio infalível nem o meio principal de realizar, nem mesmo de desempenhar, a sua vocação»²⁶

Depois da guerra

«Seria anormal (e inquietante) que dez anos de experiência e de reflexão passassem por um pensamento sem lhe modificar parcialmente o esclarecimento, sem o enriquecer de novas perspectivas»²⁷.

Mounier depois desta declaração, feita em 1946, no prefácio de uma pequena publicação²⁸, refaz o processo do mundo moderno. Em plena maturidade e na posse do seu pensamento, olha com um novo olhar crítico para o seu tempo. Mounier não baptizou tudo no mundo. Pelo contrário, com lucidez, faz notar as suas impurezas,

²⁴ I/513.

²⁵ I/515.

²⁶ I/516.

²⁷ III/179.

²⁸ «Qu'est-ce que c'est le personalisme?»

os seus vícios profundos. Esforça-se por revelar a crise do século XX, que é uma crise do homem ocidental²⁹. Retomando as críticas do começo da sua carreira, que julga fundamentalmente verdadeiras, e às quais jamais renunciará, sintetiza-as numa fórmula, que exprime bem o que ele sente, neste mundo moderno, que estoura por todos os lados, ao ponto de o homem ser nele dilacerado. Fala de:

«a deslocação da noção clássica de homem».

As forças encançaram-se contra o rosto humano. Um ataca a razão, o outro os sentimentos, um terceiro apenas conhece as raças, um quarto as classes hostis. Todos certamente se aperceberam do sentido trágico da existência, mas as suas tentativas não são afinal senão «a racionalização de uma decadência»³⁰.

Depois do materialismo, sob as suas diversas formas: científica, económica ou psicológica, e como uma reacção contra o estéril espiritualismo, conhece-se o triunfo das filosofias do nada.

A deslocação do homem, que elas provocam, termina numa negação do homem. E Mounier conclui: «Não podemos excluir que um dia a negação do homem pelo homem leve o frenesi até à destruição do homem pelo homem»³¹.

É um facto que as teorias são elaboradas de antemão. Procura-se depois a sua realização concreta. Não têm as filosofias do absurdo a sua confirmação e a sua aplicação no absurdo da construção pelo homem dessa força atómica, nessa época no começo, mas da qual se acabavam de ver os seus resultados em Hiroshima?

Mais de dez anos depois da sua primeira revolta contra um mundo que falta aos seus deveres a todos os níveis, Mounier revê a sua opinião, a sua posição crítica.

O fascismo já não é um perigo imediato. O espectáculo que ele acaba de dar ao mundo imunizará os homens contra esse erro, ao menos por algum tempo. O materialismo, pelo contrário, fez notáveis progressos. Mounier atira-se outra vez a ele. O erro do materialismo não é ter reencontrado o sentido da matéria e do real, antes pelo contrário; mas o erro foi ter apenas pressentido a sua importância, sem

ter sabido transformar esta luta do homem com o real, dum combate utilitário num elemento de equilíbrio, de cultura e de verdade humana.

O erro do materialismo marxista, tal como ele o vê em 1946, é para Mounier o facto de dar à matéria «uma espécie de delegação de soberania, da soberania perdida pelo indivíduo todo poderoso do liberalismo»³².

É um erro, porque o homem não é para a matéria, nem para a técnica, mas a técnica e a matéria são para a pessoa. Senão «abandonadas à sua inércia, elas tendem, de preferência, a adormecer (conforto), a esmagar (a centralização), a dissociar (a especialização), a complicar (a civilização) e, finalmente, a nos alienar»³³.

Em 1946, Mounier termina um importante estudo de ordem psicológica, o «*Traité du caractère*». Melhor informado do que antes da guerra das técnicas do carácter, olha o mundo com um olhar enriquecido. Descobre nele uma perversão que não tinha notado anteriormente com tanta energia: o homem interior desmorona-se.

Sob o pretexto de «realismo», o homem já não vive senão no exterior dele mesmo, ignorando e desprezando o domínio da interioridade. Que mundo nos espera?

«Homem, acorda! O velho apelo socrático, sempre actual, é o nosso grito de alarme a um mundo que adormece nas suas estruturas, nos seus confortos, nas suas misérias, no seu orgulho e no seu tédio»³⁴.

O mundo que adormece é o dos homens-objectos, esses homens que abandonaram, ou viram tirar-lhes o seu direito de razão, o seu sentido da responsabilidade, a sua reivindicação de clarividência, a própria possibilidade de estarem insatisfeitos³⁵.

Mounier sente bem, nesta época, o risco que representa para o homem o não resistir aos perigos dum mundo em que tudo é aparentemente fácil. Este homem do após-guerra é, sem dúvida, menos culpado do que o burguês de 1934, porque menos voluntário. Aí está certamente a gravidade do mal. O mundo que se preparava, desumaniza-se por delinquência. Não é um mundo de homens livres porque «não

²⁹ III/205.

³⁰ III/206

³¹ III/207.

³² III/216.

³³ III/218.

³⁴ III/219.

³⁵ III/221.

há nada que o homem deteste tanto como a sua liberdade, quando não a ama mais que tudo do mundo»³⁶. Este mundo tornou-se um mundo de alienados.

Finalmente aparece um último elemento, não totalmente novo em relação a 1936, mas que aparece doravante como um traço marcante da civilização que se constrói: a dimensão colectiva. Desenha-se um movimento irreversível, para «a emergência de comunidades cada vez mais vastas». O movimento é bom. Pode mesmo ser salutar para salvar as massas que se deixam invadir e decompor pelo mal burguês. E no entanto deve ser denunciado um perigo demasiado real: depressa as colectividades tornam-se opressivas para a Pessoa.

«O mais grave perigo que ameaça o colectivismo popular é impelir a exaltação da massa no mesmo sentido que a paixão totalitária, com os mesmos meios, em lugar de a aproveitar como a promoção moderna dum povo ardente e diverso»³⁷.

O homem-objecto torna-se homem-instrumento. Utilizam-no, tendo ele a vocação de dominar e de desentranhar o universo.

«Diante do homem como instrumento, já não há limite para a humanidade».

A dimensão colectiva é central na perspectiva de Mounier; mas deve tornar-se comunidade, como o indivíduo deve tornar-se pessoa, para ser realmente humano, e a comunidade deve sempre permanecer ao serviço da pessoa. Um mundo em que o colectivo esmaga a a pessoa não é, por infelicidade, nem uma ideia, nem uma possibilidade, mas uma realidade cruel de que a Europa começava a recompor-se. Em 1946, com mais força do que em 1936, Mounier denuncia esse perigo de consequências tão funestas. A «dimensão colectiva arrisca-se a desviar o mundo da sua vocação: uma vocação de personalização».

Esta apresentação dum Mounier anti-moderno, apenas revela um aspecto do seu pensamento. A sua crítica e em certos momentos verdadeira condenação do mundo, é um elemento essencial da problemática de Mounier. Como o repetiu muitas vezes, a sua reflexão nasceu da crise de 1929, do dobrar a finados que ela fazia soar pela

felicidade europeia, do fracasso do sistema capitalista e que significava a necessidade dum revolução que ela impunha³⁸.

Pode dizer-se que Mounier viveu, se não descobriu, as exigências da sua fé e do seu sentido do homem, opondo-se, confrontando-se e lutando passo a passo com essas realidades. Está aliás convicto de que o homem se forja na oposição, na confrontação com o real, nas contradições, etc.

«A pessoa realiza-se tanto pelo corpo a corpo, como pela vida interior»³⁹.

Todavia isto é apenas um aspecto. Esquecer o lado positivo da sua concepção do mundo seria esquecer o essencial, e desfigurar a figura e a realidade daquilo que foi e pensou Mounier.

Seria agora o momento de descobrir Mounier, amigo do mundo. Esta amizade e o modo como a manifesta, foi mesmo uma reabilitação, nessa época em que o cristianismo esquecia a Encarnação, em que os racionalismos e os espiritualismos apareciam como os valores seguros, e em que a obsessão dos materialismos nascentes provocava a reaparição dum jansenismo que nunca esteve completamente morto.

Nessa mesma declaração em que pedia aos seus amigos que gritassem que o mundo é vil, (de Font-Romeu, em 1932), fazia também uma verdadeira apologia do Universo e do mundo material-cristão, mas sobretudo humanamente realista. Mounier exaltou sempre a grandeza e a riqueza da matéria, do mundo material e carnal e do cosmos, mas também do corpo humano assim como dum certa violência que é virtude natural, da técnica e do progresso. Muito cedo, conheceu e admirou o P. Teilhard de Chardin. Apenas tinha fragmentos da sua obra, mas bastavam-lhe para se aperceber de que ele tornava a pôr em lugar de honra as perspectivas cósmicas da mensagem cristã⁴⁰.

Foi como um solitário que Mounier, com toda a sua juventude, clarividente e audaciosa, soube reconhecer os elementos válidos e positivos dos materialismos e dos naturalismos que se erguiam como inimigos do cristianismo. De facto, iam buscar as suas ideias ao património do cristianismo. E os cristãos, reagindo sem sentido real, deixavam escapar preciosos tesouros. Era preciso ter a lucidez de o ver, a

³⁶ Por exemplo III/509.

³⁹ III/217 para apenas fazer uma citação.

⁴⁰ cf. III/402-403.

³⁹ III/221.

³⁷ III/224.

coragem de o dizer e a habilidade honesta de salvar valores autênticos, enterrados muitas vezes num erro menos aceitável.

Mounier teve essa coragem, essa lucidez e essa honestidade, como veremos a seguir.

REABILITAÇÃO DO UNIVERSO FÍSICO COMO DIMENSÃO ESSENCIAL DA PESSOA

Se em dez anos Mounier evoluiu na sua crítica do mundo, passando de um ataque veemente, marcado pelo entusiasmo duma juventude, que ainda sabe escandalizar-se, para uma crítica mais sintética e mais fundamental, a sua explicação das dimensões cristãs do Universo não se modificou essencialmente durante esse lapso de tempo.

Enriqueceu-se no entanto com o elogio da técnica e do progresso. Não me parece necessário distinguir dois períodos para abranger inteiramente a opinião de Mounier durante toda a sua vida. Creio que não mudou; e repete em 1940 o que afirmara já em 1932.

Precisões preliminares

É convicção de Mounier que «o sentido da terra não pode ser um sentido maldito»⁴¹. Primeiro porque Deus é bom e não criou o mal, e depois porque pela Encarnação «Deus pôs os dois pés na terra». Este sentido da terra, do universo, do mundo, está no entanto, em contexto cristão, carregado de um equívoco. As palavras «carne» e «mundo» têm dois sentidos. Mounier, por várias vezes, esforça-se por distingui-los, para que não subsista qualquer equívoco⁴²:

O mundo assim designado é tanto o lugar do conflito entre Cristo e Satã, no teatro da humanidade, como o conjunto das forças históricas que se põem ao serviço do Anti-Cristo. É só acerca deste último «mundo» que são ditas as palavras de condenação. O primeiro recebe, se triunfa do outro, as promessas de vida e de salvação⁴³.

«A carne, segundo S. Paulo, não é nem o corpo em oposição ao espírito, nem a terra em oposição ao céu, é a tendência para o pecado, a resistência à transfiguração: esta tendência marca tanto o espírito como o corpo...»

E Mounier faz notar o mesmo contra-senso acerca do «mundo». É verdade que Cristo não ora pelo mundo, mas também está escrito no Evangelho: «Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho Único». Cristo «veio para salvar o mundo», Ele «tira o pecado do mundo»; é chamado Salvador do Mundo.

Estas precisões preliminares parecem a Mounier tão elementares como indispensáveis. Permitem, com efeito, afirmar o verdadeiro «materialismo» da fé cristã. Um sentido da matéria bem mais verdadeiro do que o dos que se intitulam e afirmam «materialistas», caracteriza os cristãos. Mas não é menos verdade que o cristão, assim como o seu vocabulário ambivalente, leva uma vida de esquadrejado, de crucificado: amigo do mundo e do progresso, conhece os seus limites e riscos, sabe que a sua vocação é ultrapassar-se. Mounier fala, quanto a esta situação, de um «optimismo trágico».

O mundo material

Desde Cristo, e contrariamente à ideia que faziam dele os filósofos gregos, o universo já não é para o homem uma prisão, nem uma caverna onde está preso e sem futuro. É, pelo contrário, o laboratório do seu destino, o meio da sua salvação, o instrumento que Deus lhe deu para governar e o organizar, de maneira que as pessoas que nele vivem possam aí viver uma vida humana, fraterna, feliz. Há na verdade neste mundo físico um peso que o refreia: uma resistência ao bem que faz pensar que ele foi criado para o mal. Mas o homem é espírito. A ele compete usar o mundo humanamente e fazer que o obstáculo se torne instrumento⁴⁴. Sendo espírito encarnado, corpo espiritual, o homem realiza em si mesmo, se joga lealmente o jogo na sua complexidade, o que ele é chamado, por vocação específica, a realizar no mundo: espiritualizar a matéria, encarnando o espírito.

Esta missão parecia muito clara para cristãos de Idade Média. Para Mounier, o grande culpado, aquele que fez perder este sentido da harmonia espírito-matéria, de equilíbrio difícil de aguentar mas vital, teria sido Descartes⁴⁵.

⁴⁴ B. A M 13/31.

⁴⁵ I/154 «Teremos de acusar Descartes do divórcio? Talvez, como Marx, ele tenha exprimido apenas como filósofo o erro que uma civilização cometia ao seu lado Pouco importa. Sabe-se como ele separou a matéria do espírito, varreu dela todos os apelos a todos os ecos que a uniam ao homem, como esse universo que respondia à nossa voz, que tocávamos com a mão e com o coração como o artista acaricia a sua obra, orgulhoso do seu pensamento, foi entregue por ele ao poder das matemáticas.

⁴¹ III/409.

⁴² cf. III/30 e III/409

⁴³ III/409-410.

O resultado do seu empreendimento de dicotomia, comandada por uma preocupação de pureza, mais lógica que metafísica, mais matemática do que humana, foi que o universo está dividido e que o espírito, como no tempo do caos, flutua de novo por cima do mundo separado:

«Por um lado, um mundo-máquina, que depende só da técnica; por cima, uma super-estrutura espiritual de tal modo estranha a ele que não tardará a parecer ineficaz e supérflua»⁴⁶.

A consequência desta operação é considerável. O homem adquire com ela incontestavelmente um maior domínio sobre a matéria do mundo. Mas tem, ao mesmo tempo, o sentido do universo?

«O mundo torna-se cada vez mais difícil de compreender, e cada vez menos difícil de dirigir»⁴⁷.

O mundo é facilmente dominado. Cada vez resiste menos ao homem que assim perde com isso todo o proveito da confrontação, dessa «luta que temperava o espírito»⁴⁸.

Mas a culpa não é da matéria; só o homem é culpado e perde muito renunciando a este adversário. O seu dever, segundo Mounier, é reaprender «o sentido carnal do mundo»⁴⁹.

O homem encontrando aí a revelação de um limite, nele encontrará o verdadeiro sentido e o verdadeiro preço da liberdade, essa liberdade de que apenas tem uma imagem enganadora num mundo destituído de confrontação. Reaprenderá aí o sentido e o valor do sofrimento. Este engrandece o homem mais do que o esmaga, quando

Da matéria do mundo apenas conservavam a superfície mensurável e os jogos de algarismos: pálida cidade, números numa paisagem sem fundo, sem pátina, sem história, sem alma.

O mundo tirava disso como uma pureza e uma firmeza desconhecidas. Mas o homem estava ausente dela e não encontrava aí senão ausência. O universo estava dividido e o espírito flutuava, desamparado, sobre esse caos mecânico: em baixo, o mundo-máquina, que depende só da técnica; por cima, uma super-estrutura espiritual, tão radicalmente estranha a ele que não tardará a parecer ineficaz e supérflua».

⁴⁶ B. A. M. 13/12 e I/154.

⁴⁷ B. A. M. 13/23.

⁴⁸ B. A. M. 13/23.

⁴⁹ B. A. M. 13/26.

é assumido. Fugir dele, a todo o preço, não é optar por uma ilusão mortal?

«Tudo o que é humano está localizado, datado, encarnado pela matéria e participa por isso das suas inquietações, caprichos e fatalidades. Esta íntima união do espírito e da terra, esta precaridade cujo sentimento está na origem de toda a ternura, eis o que temos de aprender duma redescoberta da matéria»⁵⁰.

Para o cristão, há mais do que o diálogo a estabelecer com o mundo, uma verdadeira amizade. Mounier, opondo a concepção do mundo que tinha a Antiguidade à do Cristianismo, permanece sempre maravilhado com a obra de reconciliação operada. «O homem da Antiguidade nunca tinha chegado a travar uma amizade com a natureza»⁵¹.

O cristianismo, pelo contrário, «pregando a história» e o tempo na cruz, dá um sentido a todas as coisas. De repente, «o mundo sensível irradia a mesma luz que penetra o coração do homem e aguenta a sua vida»⁵². O mundo, diz Mounier, adquire então uma riqueza insuspeitada. Povoia-se de símbolos e de presença. Torna-se eloquente. A sua capacidade, mesmo o seu peso, tornam-se revelação. O mundo material «adquire uma voz que prolonga a do Verbo e conta-nos num vasto fresco, a história duma realidade que os nossos ouvidos não podem perceber directamente»⁵³. O mundo é palavra de Deus. Como toda a palavra, é apenas um sinal. Este sinal pode enganar, como pode iluminar. A claridade da sua linguagem dependerá do uso que o homem dela fizer: «que o homem a use espiritualmente, com um domínio esclarecido, e o obstáculo tornar-se-á instrumento, educador do espírito, pelas próprias dificuldades que lhe opõe»⁵⁴.

Mounier repetirá sempre, como declara em 1932, nas suas «linhas de partida»: não é o mundo que tem culpa, nem o progresso, nem

⁵⁰ B. A. M. 13/28.

⁵¹ I/153.

⁵² I/154.

⁵³ I/154.

⁵⁴ «É pelo espírito que todas as coisas são sólidas».

«Reaprendamos o sentido carnal do mundo, a camaradagem com as coisas» (I/157). E mais adiante: «O sentido espiritual da matéria não é um apetite selvagem, nem qualquer arrebatamento esplêndido, mas, antes de mais, uma ternura» (I/158).

mesmo o conforto. «O mal é que o espírito não anda com um passo certo»⁵⁵.

O mundo das pessoas

Para além do Universo físico como tal, abordou o plano do mundo organizado pelos homens e para os homens. Sem que seja necessário tratar da atenção com que Mounier se interessou pela missão divina, com que força e com que delicadeza à mistura, apreciava os esforços dos homens nesse sentido e com que perseverança paciente e resoluta ele reivindicava uma personalização autêntica das estruturas das sociedades, podemos brevemente apreciar a sua concepção do tema tradicional, das duas cidades.

O essencial para Mounier é que não se considere a ordem espiritual como «um princípio metafísico separado, atraindo o homem para fora da sua situação terrestre»⁵⁶. É, pelo contrário, uma força dinâmica feita para transfigurar o mundo.

«A cidade de Deus e a cidade terrestre estão misturadas e confundidas por todo o tempo, desde o dia em que começou, até ao dia em que parar a geração dos homens. Não diferem senão pela sua orientação, uma para o Amor de Deus até ao desprezo de si mesmo, a outra para a glorificação do indivíduo sobre si mesmo»⁵⁷.

Não somente o cristão não se desinteressa do mundo e da maneira como os homens nele viveram e se organizam durante séculos, mas tem ele mesmo essa preocupação, essencial à sua fé, de trabalhar para a sua organização. Provou-o a História da Igreja. As suas múltiplas realizações não são duma «religião que despreze a organização da terra»⁵⁸.

Hoje o problema é talvez, a nível da prática, mais complexo, mas, nos seus princípios, também é claro. A matéria, no século XX, não é menos «divina» do que a matéria tal como a concebiam os nossos antepassados, anterior à máquina e a Descartes. Pelo contrário, «a unidade do universo ganhou uma evidência até agora desconhecida»⁵⁹.

Mounier apresenta mesmo a sugestão de que o corpo do homem cresceu até às dimensões do universo da máquina. «A máquina é apenas a extensão do corpo do homem, no corpo do mundo. (...) É espantoso constatar como nós consideramos ainda maciçamente o mundo sob formas rudimentares e mais próximas das cosmogonias do século VII antes de Cristo do que da visão que, todos os dias, se impõe ao sábio»⁶⁰.

Este mundo cada vez mais dominado pelo homem, em que o homem faz reinar a sua inteligência por um movimento crescente e irreversível, este mundo por consequência cada vez mais humano e «pessoal», não será feito com o corpo do homem, pergunta Mounier, por ser o Templo do Espírito Santo? Pode dizer-se, sem atraindo o seu pensamento nem as suas intenções, que Mounier partilha o espírito de S. Paulo perante os que não souberam ver, no universo, a obra de Deus. Mas onde o seu espanto se torna escândalo é quando constata que os cristãos tenham podido ser jansenistas. Estes e tantos outros, ligados a eles inconscientemente, tendo diminuído Deus até à sua dimensão humana e depois tendo feito d'Ele a este nível uma super-potência de plenos poderes, atribuem-Lhe os seus sentimentos, o seu receio da matéria e do seu peso, um pobre desejo desencarnado da pureza espiritual. Daí até se cair no maniqueísmo não vai mais do que um passo. Julgam evitá-lo atribuindo a Deus uma condenação do mundo e da matéria, cujos fundamentos escriturísticos nem mesmo se preocupam em verificar. Isto fez sofrer Mounier por ser anti-cristão. Esta demissão perante o mundo, há pouco tempo talvez desculpável, torna-se catastrófica no século XX. Mounier acredita demais na Encarnação e que por ela o próprio Deus nos trouxe a Sua divindade.

Somos chamados a uma divinização de todo o nosso ser e «um dos nossos papéis não será «arrastar o universo material na esteira da nossa divinização?»⁶¹.

Mas este universo material, este mundo organizado pelo homem, tomou um tal aspecto na nossa época que muitos homens e muitos cristãos perguntam a si mesmos com angústia se não se foi longe demais naquilo que se chama «Progresso». O mundo será ainda o mundo de há pouco tempo, a natureza, essa boa natureza de outrora, esse universo a divinizar, essa carne que Cristo assumiu? Não teria havido,

⁵⁵ III/413.

⁵⁶ III/414.

⁵⁷ III/414.

⁵⁸ III/414.

⁵⁹ III/416.

⁶⁰ III/413.

⁶¹ III/413.

pelo contrário, uma inversão de forças? O Reino de Satã não teria chegado?

Na civilização ocidental do século XX, decerto que nem tudo é bom nem humano. Mounier tem consciência disso. Condena sem equívoco esse mundo, enquanto se levanta contra a Pessoa, para a esmagar, ou pelo menos enfraquecer.

Isto quererá dizer «que seja preciso sonhar, em contradição com o mundo moderno, com colectividades românticas, ermitérios, ordens, artesanatos, corporações?»

«Não podem ser, em todas as situações, oásis mas instrumentos do mundo novo»⁶². A fuga, as separações podem corresponder a uma vocação individual ou de um grupo restrito. Mas a imensa multidão dos homens arrastada pelo Progresso, nunca será levada a regressar a um estilo de vida da Idade Média. O que é realizável por alguns, seria utopia sonhá-lo para a Humanidade. Nem sequer seria utopia desejável.

Pelo contrário, retoma as palavras de Bergson: «A mística reclama a mecânica», no sentido em que o homem para se elevar, se apoia na terra e que para se elevar mais alto terá de se apoiar melhor e com mais força. E Mounier comenta: «Conheço, a este respeito, poucas palavras que vão tão longe. Já não basta mostrar o progresso 'como uma realidade neutra e ambivalente, será preciso dizer com um dos raros teólogos que vimos abordar o problema (o P. Malevez), que o progresso técnico e social é um «aspecto intrínseco do cristão total...»⁶³.

Mounier está intimamente persuadido de que Deus nos espera neste mundo em progresso, como nos espera no pobre, no faminto, no prisioneiro... A missão no mundo continua. Temos de recomeçar a mesma leitura em cada idade do mundo.

É inútil censurar o maniqueísmo. Até teve um papel a desempenhar. Estamos ainda assustados com a novidade, com as dimensões, com as forças manifestadas. Mas não há oposição, a não ser dialéctica, entre o mecânico e o vivo.

«Duzentos milénios de maquinismo mudarão sem dúvida a nossa opinião. A técnica não se afasta da vida senão sob a direcção do espírito humano, para fazer passar a nossa

⁶² III/224.

⁶³ III/418.

condição duma imanência escrava numa natureza humana, próxima da animalidade, para o domínio reflectido duma natureza humanizada»⁶⁴.

Na sua realização mais moderna o mundo permanece o que é, ambivalente: ou um degrau oferecido ao homem para um progresso espiritual, ou um handicap que pode fazê-lo estrebuchar e cair mais baixo do que a terra. Em face dessa realidade, Mounier não hesita entre o optimismo ou o pessimismo. As duas atitudes levadas ao excesso seriam falsas. Antes pelo contrário, olhá-las com novos olhos, acolher confrontando-se, ter em conta o desumano e o humano, isto é, o que esmaga a pessoa e o que Cristo pode assumir. Mounier vê claramente que a história do mundo, como a dos indivíduos, não tem mais do que um centro, que é ao mesmo tempo o seu eixo e o seu fim: Jesus Cristo.

Se o indivíduo deve aperfeiçoar-se numa renovação e numa plena realização no acesso à familiaridade com Deus, uma outra revelação adere fortemente a esta: é que também o mundo, harmoniosamente submetido e organizado pelo homem, deve ser renovado e realizado em Deus. Eis a profunda convicção de Mounier, à qual conduz toda a sua análise do «mundo», análise alternadamente negativa e positiva.

«A ideia de uma solidariedade entre a sorte do universo e o destino do homem é uma ideia familiar aos Padres da Igreja. O mundo dividiu-se, quebrou, ao mesmo tempo que o homem, pelo pecado do homem; será reunido com ele pelo Recapitulador. A noção do homem novo corresponde a da «nova terra», que encontramos já em Isaías (65,17; 66,22) e no Apocalipse (21,1).

Este mundo que amamos, estes trabalhos e estas penas, estas paisagens e estas obras, não serão destruídos como nos apocalipses indús ou neoplatónicos, mas transfigurados para lá da morte. Se o Reino começa desde agora, é portanto licito pensar que o cosmos também é história e comporta uma história sagrada ligada à história da obra humana»⁶⁵.

⁶⁴ III/378.

⁶⁵ III/402.

É positivo o julgamento de Mounier acerca do mundo técnico; tão belo como eram severas as suas críticas contra um certo mundo moderno: «É certo que a idade técnica é toda a natureza posta em questão, para ser reabilitada. É a natureza totalmente empenhada pelo homem ao serviço do homem»⁶⁶.

A preocupação dominante de Mounier, na sua condenação do mundo, como na confiança que nele põe, não será finalmente o futuro do homem? A natureza ao serviço do homem, segundo a sua terminologia, o homem, não indivíduo, mas Pessoa, não é o último termo da preocupação de Mounier. Toda a sua procura, como a sua luta e as suas elaborações serão dirigidas para a edificação dum certo tipo de Humanidade.

Mounier não falou do mundo pelo mundo, mas por causa das Pessoas que fazem o mundo. Só essa tarefa é útil e merece que se dê a sua vida por ela. Mounier trabalhava na edificação de um novo humanismo. E pensava que era preciso construí-lo sobre uma antropologia refundida, em bases novas, tendo em conta uma visão equilibrada do mundo, dos novos dados da época e dum sentido cristão das realidades terrestres. Um elemento complementar daquele que acabamos de estudar deve ser abordado antes de expormos uma conclusão acerca do humanismo de Mounier. Mas isso fica para uma próxima ocasião.

BERNARDO DOMINGUES, O. P.

Professor do I. C. H. T.

CRÓNICA

ENCONTRO COM AGUSTINA BESSA LUÍS

O Instituto de Ciências Humanas e Teológicas marcou encontro, na tarde do passado dia 22 de Janeiro, com Agustina Bessa Luís, para a ouvir falar da sua identidade de escritora e da sua obra, encontro que o Senhor Bispo do Porto, no encerramento, justificaria afirmando que os grandes criadores literários entram mais fundo na análise do ser humano que os simples tratados de antropologia científica.

Apresentação

Encarregado de fazer a apresentação, o Dr. Raimundo de Castro Meireles começou por considerar Agustina Bessa Luís a maior romancista portuguesa de sempre; sem dúvida, o maior escritor que hoje vive no Porto; o «grande caso», «a grande descoberta» depois de Fernando Pessoa, como já se vai dizendo nos meios responsáveis, dentro e fora do país.

A abordagem da vasta obra de Agustina não é fácil... parece mesmo bastante difícil — tão difícil como o acesso à sua casa, no meio de um jardim quase suspenso sobre o Douro, naquela zona urbana quase labiríntica que é a Arrábida...

É que o leitor desprevenido continuamente tropeça na dificuldade do inédito, do insólito, do aparentemente anárquico. É uma surpresa contínua que o obriga a parar para reflectir, para decifrar. Agustina não pratica certo tipo de prosa fácil — tão regular e correcta — que, como escreveu algures, «é a própria burocracia do sentimento».

Poder-se-á dizer, pois, com Eduardo Lourenço — e logicamente — que a obra de Agustina é *des-concertante*, isto é, sai para fora do concerto sonoro dos hábitos e dos lugares comuns; foi-se construindo recatadamente, alheia a escolas, às modas da última hora; à margem dos jogos florentinos, com o seu quê de oportunismo, de vulgaridade promovida e aplaudida.

A Autora dos «Contos Impopulares» não hesita, por exemplo, em se dizer «conservadora», no sentido de fidelidade, sem complexos, a determinadas raízes, a uma certa cultura matriz — e é talvez por isso que se permite avançar por caminhos de originalidade e de criatividade — *desconcertantes*...

Enraizamento local, vital: convém, sem dúvida, acentuar que a obra de Agustina exprime o fundo anímico duma região; está solidamente enraizada no mundo rural de Entre-Douro-e-Minho (Travanca — Vila Meã, de Amarante) e, depois, no Porto.

Agustina é, sem dúvida, uma escritora do Porto — uma cidade que, como diz, vista da outra margem do rio, «tem toda ela uma forma, uma alma de muralha»; uma cidade que, também ela, não é de abordagem fácil; não raras vezes é *des-concertante* (nomeadamente em relação à capital...); uma cidade de «burgueses» — que «não tiveram cronistas, só tiveram guarda-livros», como escreveu um dia Agustina...